Projeto

VOLUME 4

Areias de Vila União

mobral

Uma esperança de vida

BRA
2.1.3
M687a

24.03.2015

Ministério da Educação e Cultura - MEC
Secretaria de Ensino de 1.º e 2.º Graus - SEPS
Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL

Areias de Vila União

Uma esperança de vida

Rio de Janeiro
1983

24.03.2

Impresso no Brasil/Printed in Brazil
© 1983 — Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização — Mobral

Decom — Departamento de Comunicação
Dicep — Divisão Central de Produção
Rua da Alfândega, 214 — CEP 20070 — Rio de Janeiro — RJ

Coordenação do Distrito Federal
Edifício Venâncio IV — 1.º andar — salas 111 a 124
Setor de Diversões Sul — Brasília — DF
CEP 70302 — Tels.: (061) 223-0018 — 223-1173 — 223-0189 — 223-0023

BRA
2.1.5
M687a

C. R. E. F. A. L.
BIBLIOTECA
078805
PATZCUARO, MICH., MEXICO

Coleção Projeto 28

1 — Barreirinho, verde vale de brancas rendas
2 — Serra do Talhado, o barro vermelho da serra negra
3 — Povoado de Saúde, exemplo de espírito comunitário
4 — Areias de Vila União, uma esperança de vida

FICHA CATALOGRÁFICA
(Preparada pela Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização — Dimap/Sedoc)

F981 Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização.
Areias de Vila União, uma esperança de vida. Rio de Janeiro, 1983.
15p. ilust. 21cm. (Coleção projeto 28, 4).

Inclui anexo.

1. SÃO DOMINGOS — HISTÓRIA. I. Série.
II. Título.
83-15

cdu 981 (817.32)
cdd 981.817

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto n.º 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

24.03.2015 10

Apresentação

Vila União — em São Domingos

Águas límpidas, que descem da Serra Geral de Goiás, percorrendo pequenos vales, penetrando nas rochas, cavando cavernas, as maiores do Brasil, chegando a São Domingos, tornando suas terras as mais férteis e a sua vegetação a mais exuberante. São Domingos é futuro.

Estradas empoeiradas, estreitas, sinuosas, cortando serras e vales, pontes de madeira, ameaçando cair, assim se chega a São Domingos, que está em pleno sertão goiano, próximo à divisa com a Bahia; isto é, com os "gerais" da Bahia.

Estes foram os caminhos percorridos por aquelas famílias, a pé, escorraçadas, famintas, levando os pertences que cabiam em suas mãos, sem conhecer o amanhã, sem perspectivas, unidas pela desgraça e pela fé em Deus.

Também foram estes os caminhos percorridos pela supervisora de área, consciente, profissional, desejosa de levar a rica experiência da Ação Comunitária às populações carentes, na expectativa de uma vida melhor, de novas oportunidades, de novas esperanças.

E das areias estéreis, nasceram novas vidas, o sorriso voltou, as crianças estão brincando. Tudo é novo. Tudo agora é futuro.

As páginas seguintes trarão narração deste milagre, deste exemplo de crença no trabalho, nas instituições e nos homens.

A homenagem fica para as famílias da Vila União, para o Alfredão, o ex-prefeito, para as ex-supervisoras de área, Conceição e Vilma, e para todos aqueles da comunidade que se dispuseram a dar um pouco de si para exemplo de todos.

Marco Antônio de Moraes
Coordenador Estadual do Distrito Federal

AREIAS DE VILA UNIÃO
24.03

No princípio, a descrença

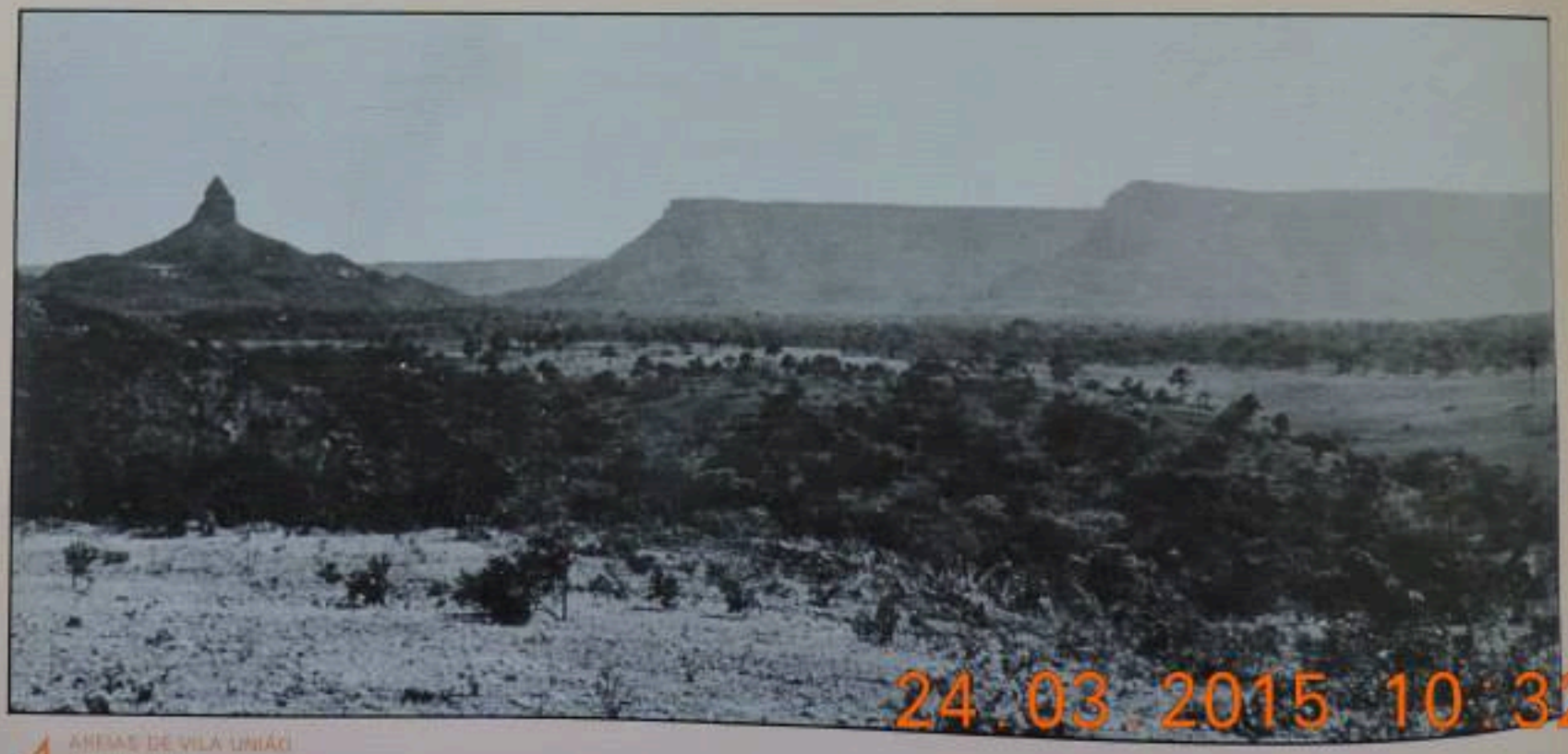
O decorrer dos anos de 1978 e 1979 trouxe para um grupo de pessoas moradoras de certa fazenda do Município de São Domingos uma reviravolta em suas vidas. Eram 16 famílias, analfabetas e carentes em todos os sentidos, cuja simples presença ameaçava a tranqüilidade do dono da propriedade: o pedaço de terra que ocupavam era importante para o gado, que precisava de mais pastos. Além disso, num dia remoto do futuro talvez a lei do usucapião lhes permitisse a posse do terreno. A cada dia que passava tornava-se mais urgente desfazer-se daquela gente a qualquer custo.

E foi o que aconteceu. As chamas que a violência e a indiferença atearam nas humildes cabanas consumiram junto as modestas esperanças de homens, mulheres e crianças, agora sem teto e sem alimento.

Desarvorados, mas acostumados à rudeza numa aceitação silenciosa, os bandos ganharam as estradas poeirentas em busca de outras oportunidades de sobrevivênvia. E chegaram à sede de São Domingos, onde durante quase um ano dormiram nas ruas, ao relento, oferecendo seus serviços de porta em porta, à troco de um prato de comida.

São Domingos fica na Serra Geral de Goiás, na divisa com o Estado da Bahia, distante de Brasília 430 quilômetros. Dos seus 10 mil habitantes, cerca de 95% vivem na zona rural, em fazendas onde se desenvolvem a pecuária de corte de gado bovino e a agricultura, cujo produto principal é o arroz. Cidade típica de região de cerrado, sua vegetação é rasteira e agreste, com árvores de pequeno e médio porte como a aroeira e o buriti. Seu solo é antigo, caracterizando-se pela presença de colinas arenosas e aflorando, de espaço a espaço,

Vegetação rasteira e agreste



simétricas formações de altitudes baixas, em camadas superpostas de rochas porosas e escuras. Na parte leste do município, ergue-se soberbo chapadão pertencente à Serra Geral de Goiás, estendendo-se pela Bahia até a bacia do São Francisco. A região conhece apenas duas estações no ano: o inverno, que vai de outubro a abril, trazendo chuvas e temperaturas mais baixas; e o verão ou seca, de maio a setembro, quando os inúmeros rios e riachos diminuem de volume e a vegetação ressente-se com o calor intenso.

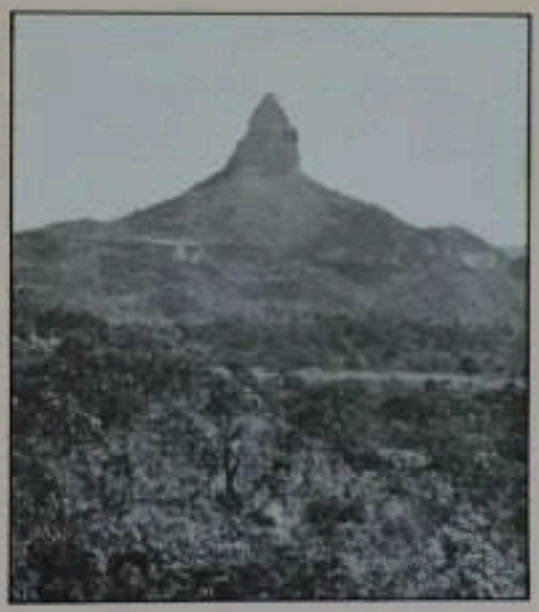
A pequena sede, numa colina que se espraia em suave descida para as cercanias, oferece poucas chances de trabalho aos que chegam.

A nordeste da cidade, já nos limites da zona rural, um areal, seco e abandonado, foi o único lugar onde puderam se estabelecer aquelas 16 famílias que perambulavam pelas ruas. Uma pequena comissão, liderada por D. Enedina, uma das integrantes do grupo, foi ao prefeito pedir permissão para morar ali. O prefeito deu o consentimento, com uma recomendação: que as casas obedecessem a um traçado regular, com os lotes já delimitados.

E os retirantes levantaram suas modestas choupanas naquela área de aproximadamente cinco mil metros quadrados, cedida pela Prefeitura.

Paredes de taipa, cobertas com palhas de buriti, janelas pequenas, portas estreitas, a maioria com um cômodo só. Como instalações sanitárias, minúsculas casinholas de buriti, a um canto do lote.

A vida transcorria monótona, sem perspectivas. Apenas a garantia de minguados cruzeiros para os homens em seu trabalho sazonal nas fazendas distantes e a segurança de um teto. Em casa, as mulheres e as crianças, imersas na insipidez do dia-a-dia, mas aguçadas pela fome e pela descrença em dias melhores.



As árvores são de pequeno e médio porte, salientando-se a aroeira e o buriti. Solo antigo. Colinas arenosas. Rochas porosas e escuras. Na parte leste, a Serra Geral de Goiás, estendendo-se pela Bahia até a bacia do rio São Francisco.

24.03.2

Com o Mobral, a esperança

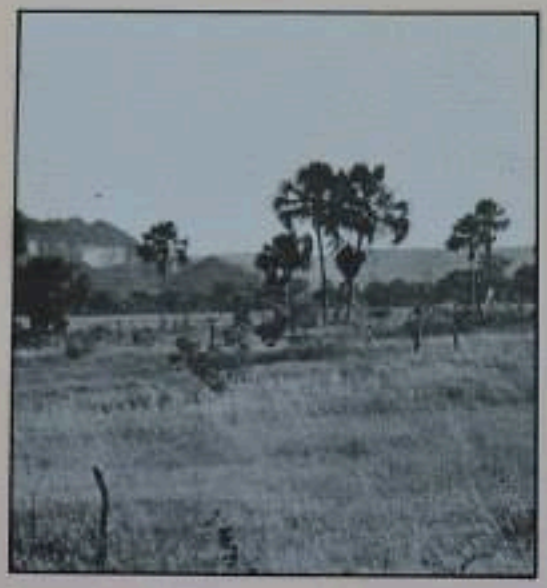
Ano de 1981, mês de abril. Conceição de Maria César do Nascimento, nomeada supervisora de Área do Mobral em São Domingos, percorre o município em seu trabalho diário. E chega ao amontoado de cabanas toscas, onde a miséria é a tônica dominante.

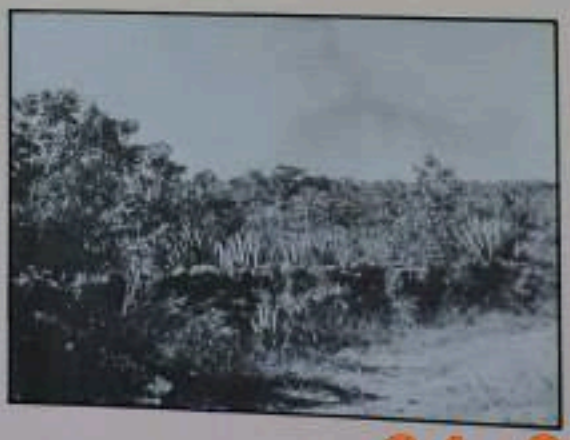
Ela se interessa pelo grupo, quer saber sua história, como chegaram ali, de onde vieram, de que precisam mais, o que pretendem do futuro. O clima é de surpresa: alguém se interessa por eles.

Em meio à timidez inicial, D. Enedina se destaca e fala por todos: "O que nóis precisa mesmo é de água e comida em primeiro lugar. As criança tão tudo com fome, a vida é cara e a gente não tem dinheiro pra comprar nada". Afeita, pelo contato diário em seu trabalho, a esse tipo de reclamação, Conceição se dispõe a coordenar uma ação que aguce o espírito comunitário do grupo para que, juntos, encontrem uma solução. E marca uma reunião com a participação de todos.

A primeira reunião compareceram umas 40 pessoas. Conceição conta agora com a presença de outros membros do Mobral, Maria de Fátima Valente Alves (Monitora do Programa de Educação para a Saúde) e Quintino Lopes Neto (encarregado do Programa de Educação para a Saúde). As perguntas são conduzidas com habilidade, não só para que o grupo expresse as suas carências mas que participe também conscientemente do processo de procurar supri-las. Até que ganha corpo uma proposta quase que fantástica: naquele enorme areal seco, poeirento e sem água, seria plantada uma horta comunitária!

Dias melhores: uma crença





Duas estações no ano nesta região: o inverno, de outubro a abril, com chuvas e baixa temperatura, e o período de seca, o verão, que vai de maio a setembro, ressentindo-se a vegetação com o calor intenso.

24.03.2015 10:33

A colaboração de todos

Fazer uma horta num terreno onde só nascem, a custo, cactos e espinhos, há de exigir não apenas o bom ânimo, mas o concurso de todos os que puderem ajudar. O grupo do Mobral coloca em prática um plano de ação que mobiliza órgãos de assistência rural, com o apoio eficaz da Prefeitura. Convidado pelo Mobral, o engenheiro agrônomo da Emater de São Domingos vai até o local para estudar o solo. A resposta é simples: o areal precisa ser adubado. Para cada quantidade de areia a ser utilizada, o mesmo tanto de estrume de gado bem curtido e desfeito. Mistura-se tudo, deixa-se alguns dias, e o terreno está pronto para ser plantado.

Difícil porém é a execução do serviço. Onde arranjar tanto esterco para tanta areia? As fazendas de gado ficam longe, a areia é muita. Mas a persistência é maior ainda. Solicitada, a Prefeitura fornece o caminhão-basculante para o transporte do estrume. Os fazendeiros são contados e permitem que se apanhe o esterco em suas propriedades. E, aos sábados e domingos, os homens do povoado tomarão o caminhão e percorrerão as fazendas para trazê-lo carregado de adubo animal.

Mas as plantas que vão surgir na horta precisarão também de água, que não existe no local. Novamente a Prefeitura é convocada e providencia tosco, mas eficiente sistema de encanamento. Duas mangueiras de mais ou menos 10 centímetros de diâmetro trazem a água do riacho Maravilha, a sete quilômetros de distância. Saindo de pontos diferentes do riacho, logo depois as duas mangueiras se unem formando uma forquilha e percorrem a distância ora por cima, ora por baixo da terra, até desembocarem em pequeno poço retangular, com cerca de cinco metros de comprimento por dois de largura e um metro de profundidade,

Horta comunitária no areal

Terreno arenoso, cactos e espinhos, local pouco adequado para se fazer uma horta. Por isso, o areal precisa ser adubado. A mesma quantidade de estrume de gado bem curtido e desfeito, a mesma quantidade de areia.

24 03 72

construído pelos homens do vilarejo. É preciso ainda proteger a plantação. A equipe do Mobral procura mais uma vez o prefeito, que fornece a tela de arame e os moirões de aroeira para a cerca. Um grupo do Projeto Rondon, de passagem por São Domingos, deixa também ali a sua preciosa contribuição. Ajuda o Mobral a demarcar a área — cerca de 800 metros quadrados — e a medir as distâncias entre as estacas de madeira. Juntos, supervisionam atentamente o trabalho dos homens do povoado de cercarem o terreno. Marcam e dividem os canteiros, três para cada família, num total de 42. E aconselham sobre o que deve ser plantado naquele tipo de solo: tomate, jiló, alface, quiabo, batata-doce, abóbora, coentro, beterraba, rabanete, mostarda, salsa, cebola, cenoura e feijão.

Em São Domingos, ninguém possui horta. Todas as verduras vêm de Brasília, e ninguém tem uma muda sequer para iniciar o plantio do vilarejo. O Mobral fornece as primeiras sementes, e a Prefeitura contribui com o restante.

E verdadeiras aulas são dadas à pequena comunidade atenta, pelo pessoal do Mobral e do Projeto Rondon e, seis meses depois, também pela Emater, para que a horta comunitária surja com vigor em meio ao areal.

A união faz a vila

Agora, todos juntos, mulheres e crianças, dão início ao trabalho. Os homens passam a semana inteira em fazendas distantes e só podem trabalhar na horta aos sábados e domingos.

Quase não há enxadas, pás, ancinhos e regadores. Apenas alguns dos homens possuem o equipamento necessário, mas, mesmo assim, eles o utilizam em seu serviço nas fazendas. Algumas vezes, pode ser usada uma enxada, que é utilizada por todos em

Mãos à obra. É o mutirão!

24.03.2015 10

rodízio. Mas, quase sempre as mulheres e as crianças se servem das próprias mãos, cavando a areia, remexendo o estrume. A água para a rega é jogada com um regador improvisado: uma lata de óleo de cozinha cortada ao meio e pregada a um cabo comprido de madeira à guisa de concha. Com isto, a água é atirada aos jatos do pequeno reservatório até os canteiros. Poucos dispõem de um regador, que emprestam aos outros terminado o seu trabalho, e têm de andar vários metros levando a água até as plantas mais distantes em diversas caminhadas. A Prefeitura doou três, mas eles são pequenos, não chegam a 10 litros cada um.

Aos poucos, vai se delineando a horta e, com ela, o espírito comunitário. O Mobral continua vigilante e incentivando o trabalho. E outras atividades vão surgindo.
Fátima dá assistência às crianças, dirigindo-se à vila aos sábados e domingos para brincar com elas e ensinar-lhes noções de higiene. Quintino, funcionário do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição — Inan —, consegue merenda para todas as crianças, além de levar médicos e sanitaristas para fazerem palestras sobre aleitamento materno, higiene e saúde. Além disso, providencia para que nada falte à horta, indo lá todos os dias à tarde, sábados e domingos, para verificar se está tudo em ordem, se a plantação está se desenvolvendo bem... e para dar bons puxões de orelha! Como é natural, para pessoas subnutridas e sem instrução alguma como as da modesta vila, fica muito difícil assimilar todas as recomendações. Ora colocam mais estrume diretamente sobre uma mudinha fraca, sufocando-a, ora jogam o esterco sobre as folhas, impedindo-as de respirar livremente, ora deixam de regar à tarde e o fazem em dobro na manhã seguinte, pensando que com isto está tudo resolvido, ora lavam tranqüilamente roupas e panelas com sabão na água destinada a regar as plantas... E de

A horta vai precisar de água. E a água vem, através de um sistema de encanamento, do riacho Maravilha, a sete quilômetros de distância.

24.03.

quase nada adiantam conselhos suaves e educados. É preciso ralhar como se com crianças.
De tanto verem aqueles saquinhos de sementes com uns "estranhos sinais", as mulheres pediram a Conceição, supervisora de Área, que lhes arranjasse quem lhes ensinasse a ler. Foi instalada a classe de Alfabetização Funcional no modesto alpendre da casa de D. Enedina, e ali, todas as noites, mulheres de rosto cansado se reúnem trazendo as crianças sonolentas, que não podem ficar sozinhas em casa. Como não há eletricidade, a iluminação é conseguida através do lampião de dois metros de altura colocado no botijão de gás que a Prefeitura doou. O aprendizado é lento, mas aos poucos algumas já conseguem descobrir o que querem dizer os "estranhos sinais" dos saquinhos de sementes: são o "b" de batata ou o "c" de cenoura...

Enfim, Vila União

Meses e meses de trabalho árduo ao sol. Da crescente expectativa ante as mudas que se desenvolviam prodigiosamente, a certeza de que a horta comunitária alcançou pleno sucesso. Verdadeira festa o dia em que foram colhidas as abóboras, a salsa, o quiabo, a cenoura, imensas batatas-doces. Cada um a seu tempo, os legumes e hortaliças corresponderam em esplêndido tamanho aos cuidados que lhes foram dispensados.

A horta, o celeiro da cidade

24.03.2015 10:

Agora, a pequena comunidade tinha com que se alimentar, tudo plantado por suas próprias mãos. O sistema de trocas funcionou harmoniosamente, evidenciando o espírito comunitário já definido. Restava agora saber o que fazer do excedente da colheita, que poderia até se estragar caso não lhe dessem uma finalidade.
São Domingos não tem horta, tudo vem de Brasília após oito horas de viagem... A notícia logo se espalhou. Lá pelos arredores da cidade, lá em cima no areão, aquela gente que chegara um dia e ficara perambulando pelas ruas havia plantado uma grande horta que produziria e agora estava até sobrando. E a horta passou a ser o celeiro da cidade. A preços bem mais baixos que os da mercearia — pois não pagavam fretes nem tinham atravessadores — a comunidade vendia rabanetes, coentro, salsa, cebola, abóbora, cenoura, tudo colhido na hora.
Dona Enedina, como sempre, coordenava tudo. Quem ia à horta para comprar verduras se dirigia a ela, uma das poucas que sabe ler e escrever, que se encarregava de indicar que família possuía o produto desejado. Como não tinham balança, improvisaram uma. Foram a uma das lojas da cidade, pesaram um quilo de pedras e simplesmente colocaram aquele quilo de pedras num velho prato esmaltado, suspenso ao lado de outro vazio, por um barbante grosso. Até agora, ninguém reclamou do sistema de peso. Como não houve um controle eficiente, não se sabe com rigor o quanto rendeu a colheita. Dona Enedina calcula que ficou por volta de 40 mil cruzeiros. Evidentemente, não é uma quantia elevada. Mas deu para comprar carne, café, cadernos para as crianças e até alguma roupa. E, acima de tudo, serviu para despertar o potencial de realização da pequena comunidade, que se viu financeiramente recompensada pelo seu esforço diário durante quase um ano.
Entusiasmada com o crescente

A horta comunitária foi um sucesso. Colheram-se abóbora, salsa, quiabo, cenoura, batatas-doces. Tudo plantado pelos membros da comunidade, agora eles têm com que se alimentar, implantando-se a troca.

24 03

desenvolvimento do povoado, a supervisora de Área do Mobral, Conceição, indagou certo dia se não gostariam de batizar a vila com algum nome sugestivo. Já era hora de todos os moradores de São Domingos pararem de se referir ao local como simplesmente "lá em cima". Surpresos, entreolharam-se sem resposta. Perspicaz, Conceição foi dirigindo o assunto de maneira que as idéias fluissem com naturalidade, procurando fazer com que o próprio grupo expressasse através de um nome a visão consciente do grau de maturidade obtido ao longo do tempo. Decidiu-se, então, nomeá-la Vila União pela grande harmonia ali existente.

A "Prefeita" de Vila União

Em Vila União, uma liderança se revela na figura simpática de Dona Enedina Rodrigues dos Santos. Inteligente e bastante perspicaz, ela soube mostrar-se enérgica e ativa junto a sua gente, coordenando as atividades desenvolvidas para um resultado positivo.

Nascida e criada em Goiás, Dona Enedina é uma mulher dos seus 50 anos de idade, vivendo com o marido, o "seu" José, e um filho numa das melhores casas de Vila União: com três compartimentos, entre sala, quarto e cozinha, além de um puxado onde são dadas as aulas de Alfabetização Funcional. É em sua casa ainda, extremamente asseada, que se fazem as reuniões e onde são guardadas as sementes e os sacos de adubo químico doados pela Prefeitura. Coordena todos os trabalhos da horta, distribuindo as sementes entre o pessoal, além de saber quem plantou o quê. Ajuda a supervisionar os canteiros, observando se o crescimento está se dando de forma correta ou se alguém está precisando de um canteiro a mais. Alfabetizada pelo Mobral, pesa os legumes e hortaliças a serem vendidos e faz os

Hortas regadas de manhã

24.03.2015 10:34

cálculos dos preços para os companheiros.
Dinâmica, levanta-se diariamente às quatro horas da manhã para regar seus canteiros, pois, durante o dia, lava roupas para famílias da cidade.
De fala tranqüila, não se intimida ante um gravador ou uma máquina fotográfica, para dizer com simplicidade das alegrias de sua gente conquistadas com o trabalho da horta.
Relembra serena e sem mágoa os penosos dias vividos na fazenda de onde foi expulsa, guardando seu entusiasmo para falar das esperanças que o presente lhe trouxe.
Com a horta, seus horizontes tornaram-se bem mais amplos e ela mesma pediu para freqüentar a classe de Educação Integrada, antevendo aí maiores perspectivas de realização. Ela está consciente do valor representado pela horta e trabalha ativamente para que jamais esmoreça em Vila União a vontade de prosseguir com a experiência. Embora demonstrando modéstia, não desconhece que sua presença é importante para os companheiros, assumindo com naturalidade seu papel de líder para a sobrevivência de uma conquista que trará a segurança de dias melhores para sua sofrida comunidade.
Desde os mais velhos até as crianças, todos a respeitam em Vila União, acatando suas decisões e procurando seus conselhos para os problemas do dia-a-dia. Para todos, tem ela uma palavra amiga, carinhosa ou enérgica, evidenciando seus rudimentares, mas eficazes conhecimentos da alma humana.
Por suas atitudes corretas e pela dignidade de seu caráter, forjado nas atribulações de uma existência sofrida, essa mulher inculta, valente e solidária soube merecer a consideração e o carinho de sua coletividade. Que, num pleito puramente afetivo, a elegeu unanimemente "Prefeita" de Vila União.

Todos se levantam de madrugada, às quatro horas da manhã. Cuidam da horta, regam seus canteiros, pois, durante o dia, têm os seus afazeres. Todos os trabalhos são coordenados pela "Prefeita" de Vila União.

Caminho para a vitória

Através do esforço e do trabalho, Vila União conseguiu o respeito dos moradores de São Domingos. Já não são mais aquele bando de maltrapilhos que vagavam pelas ruas. E, muito menos, aquela verdadeira "tribo" que morava lá em cima, no areal. São simplesmente o pessoal da Vila União, ou da Horta do Mobral, cujo exemplo chegou a modificar hábitos da cidade: hoje, algumas casas de São Domingos já apresentam canteiros de horta em seus quintais.

Os moradores de Vila União desenvolveram a vontade de prosseguir além, de obter muito mais. Basta dizer que, dos 42 iniciais, agora já contam com 240 canteiros, em menos de dois anos. Para eles, a horta é de vital importância, vislumbrando nela um vasto potencial de realização. Contra si, eles têm o despreparo, a memória não-acostumada a gravar conceitos simples, como a época certa para o plantio ou a distância adequada entre uma muda e outra. Mas têm muita vontade de acertar, revelando-se campo fértil para uma ação contínua dos que devem assumir o papel de mobilizar consciências para um trabalho em conjunto. Um trabalho capaz de levar o homem a superar suas próprias limitações e as condições contrárias de seu meio, transformando-as em aliadas de seu progresso.

E apesar do muito que há para cumprir, Vila União já encontrou o caminho. O que faz dessa pequena faixa de chão árido um exemplo vivo do que pode realizar a solidariedade humana é o esforço comum, é a tenacidade de um pequeno grupo que, unido, encontra a força criadora, mesmo lutando no espaço adverso que a natureza lhe reservou.

Solidariedade/Tenacidade

Em menos de dois anos, os moradores de Vila União já contam com 240 canteiros. Os moradores de São Domingos já têm também canteiros de horta em seus quintais. O exemplo, portanto, frutificou. Êxito absoluto.

24.03.2015 10:

076805

Anexo

Localização

Vila União está localizada no Município de São Domingos, Estado de Goiás, a nordeste da cidade, na periferia da zona urbana, distante cerca de um quilômetro e meio da praça central.
São Domingos fica na Serra Geral de Goiás, na divisa com o Estado da Bahia. Pertencente à bacia Amazônica na zona do rio Paranã, limita-se com os municípios de Posse, Veadeiros, Monte Alegre de Goiás, Campos Belos e, na Bahia, São Desidério.
Sua sede localiza-se a 13°23'55'' de latitude Sul e 46°19'16'' de longitude Oeste, com altitude média variando de 100 a 400 metros.
Com um território de 6.750 quilômetros quadrados, sua população é estimada atualmente em 10.003 habitantes, apresentando uma densidade demográfica de 1,47 hab/km2.
O trajeto entre Vila União e a sede de São Domingos pode ser percorrido a pé, através de estradas e trilhos extremamente arenosos, que, já mais próximos do centro, possuem calçamento de pedras ou paralelepípedos.

Clima e Vegetação

São Domingos pertence ao clima tropical úmido, com uma média de temperatura registrada em torno de 26° C. Típica cidade da região, conhece apenas duas estações por ano: o inverno, que vai de outubro a abril, com chuvas intensas que inundam os rios e temperaturas mais baixas e o verão, ou tempo da seca, começando em maio e terminando em setembro. Quando não chove, os rios diminuem o volume de água e o calor é intenso.

De topografia irregular e bastante sedimentada, o município apresenta inúmeras elevações baixas, cobertas por uma vegetação característica do cerrado. Uma mistura de plantas agrestes e rasteiras em meio a arbustos espinhentos e árvores de pequeno e médio porte, como o buriti, a aroeira e a barriguda. Em todo o município desenvolvem-se espontaneamente árvores frutíferas, como mangueiras, cajueiros, abacateiros e puçazeiros.

Na parte leste do município, em toda a extensão da divisa com a Bahia, ergue-se gigantesco chapadão pertencente à Serra Geral de Goiás, que se estende até a bacia do São Francisco em território baiano. Seu topo é totalmente arenoso e coberto por uma vegetação rasteira, completamente plano, sem uma elevação de horizonte a horizonte.
As principais elevações do município estão representadas pelos morros Moleque, Redondo e Monte Alto, com altitudes respectivas de 400, 500 e 700 metros.

Merecem destaque as inúmeras lapas e grutas existentes no município, notadamente a Gruta de Terra Ronca, com uma extensão de cinco quilômetros e boca de entrada com 90 metros de altura por 70 de largura.
São Domingos dispõe de bom sistema hidrográfico, cujos rios principais são o Paranã, na divisa com Veadeiros, Água Quente, Manso e São Domingos, este último atravessando a cidade.

Religião

A população de São Domingos cultua o Catolicismo, em sua grande maioria. Dispondo da Matriz de São Domingos, na sede, comemora festivamente as datas religiosas, principalmente a de seu padroeiro, no dia 4 de agosto. Segundo a tradição, a festa em homenagem a São Domingos é organizada por quatro festeiros, duas mulheres e dois homens, sorteados a cada ano. Após a missa solene, toda a população se dirige à casa de um dos festeiros, onde são servidos café, bebidas e guloseimas, culminando com um baile à noite.
Outra festa religiosa das mais importantes é a de Bom Jesus

BIBLIOTECA CREFAL
24.03

Pessoas - tipo físico

Em sua grande maioria, os habitantes de São Domingos, incluindo os de Vila União, possuem estatura regular e corpo esbelto, com cabelos e olhos castanhos. A pele é curtida pelo sol, e as mulheres são geralmente bonitas, apesar do desgaste físico pela falta de cuidados.
Sua fala não apresenta sotaque peculiar, apenas corruptela de algumas palavras como em Minas Gerais nas proximidades do Estado do Rio de Janeiro, embora de maneira bem mais discreta.

Personagens - tipos

Com seus pouco mais de 100 habitantes, Vila União tem em D. Enedina Rodrigues dos Santos uma liderança que veio se impondo com naturalidade desde o início de sua formação. Mulher dos seus 50 anos de idade, vive com o marido, o "seu" José, e um filho único numa das melhores casas do povoado: possui três cômodos, entre sala, cozinha e quarto. É em sua casa que são guardadas as sementes para a horta e onde se realizam as reuniões do grupo, bem como se instalou a classe de Alfabetização Funcional para as mulheres.
Ativa e diligente, coordena todas as atividades da horta, distribuindo as sementes entre os companheiros. Sabendo ler e escrever, alfabetizada pelo Mobral, ela se encarrega ainda de organizar a venda dos produtos da horta aos moradores de São Domingos, fazendo os cálculos dos preços e pesando a mercadoria na singela balança de pedras improvisada pelo grupo.
Nascida e criada em Goiás, tem estatura mediana, magra, cabelos e olhos castanhos. Tranqüila de gestos, fala sem

mágoa de seu passado atribulado, entusiasmando-se porém com a satisfação que a horta comunitária trouxe para Vila União. Respeitada por todos, suas opiniões são acatadas pela comunidade. Revelando modéstia, assume com serenidade a liderança sobre sua gente, consciente de que ela é importante para o desenvolvimento do grupo.
Por seu caráter generoso e suas atitudes francas, conquistou a simpatia de sua gente, que a apelidou carinhosamente de "Prefeita" da Vila União.
Um dos exemplos mais significativos do espírito comunitário de Vila União revela-se na pessoa de D. Paula Madalena da Conceição. Juntamente com seu marido, Antônio Balbino Xavier, D. Paula veio de Barreiras, na Bahia, há cerca de 26 anos para o Município de São Domingos. Pertencente ao grupo, não teve a satisfação de participar da experiência da horta comunitária: logo no início dos trabalhos viu-se completamente cega, devido a uma catarata. Com o marido já idoso e bastante doente, seu destino seria a miséria total. Contudo, a solidariedade da gente de Vila União não permitiu que tal acontecesse, repartindo com os dois os produtos da colheita e assistindo-os naquilo que podem. Ela estudou no Mobral e agora é ouvinte na aula de alfabetização em Vila União. Em seu depoimento fala que gostou muito de estudar na sala do Mobral e que "tem sentimento de ter uma no meu terreno e eu não posso ver por causa da vista ... Porque se eu tivesse mais, eu estudava. Mesmo assim eu venho ouvir as explicações".

História

A origem de São Domingos remonta a fins do século XVII e princípio do século XVIII, quando dois irmãos, Domingos e José Valente, dirigiram-se da Bahia para aquela região, atraídos pela perspectiva da mineração do ouro. Fundaram uma pequena povoação, distante uns dois quilômetros da atual São Domingos, chamada Arraial Velho.
Segundo a tradição, um deles teria feito a certa escrava uma promessa: se ela levasse uma imagem de São Domingos de Gusmão até a região, no lombo de uma mula, ganharia a carta de alforria. Cumprida a incumbência, os dois irmãos ergueram uma pequena ermida onde colocaram a imagem, que originou o nome da cidade.
Do povoado, nada mais resta a não ser vestígios de fortes construídos para conter os ataques dos índios.

24 03

Por volta de uns 70 anos após a vinda dos dois irmãos é que a atual São Domingos teve suas primeiras casas construídas. Pela Lei Provincial nº 14, de 23 de julho de 1835, foi elevada à categoria de distrito, pertencente ao Município de Arraias. Por força da Lei Provincial nº 14, de 14 de outubro de 1854, tornou-se município, desmembrando-se de Arraias. Contava nessa época com apenas 33 casas.
O crescimento da cidade procedeu-se lentamente através dos anos. Na década de 20, deste século, atingiu algum impulso, com a chegada dos padres dominicanos que aí fundaram um convento. Anos mais tarde porém, os padres deixaram o convento, que hoje se acha em estado de total abandono, embora se encontrem nele altares, imagens e pinturas antigas, além de servir de moradia ao atual padre de São Domingos.
A partir de 1970, a cidade passou a desenvolver um ritmo mais acelerado de crescimento, construindo-se recentemente a sua chamada parte nova, com casas mais modernas, o colégio estadual e o posto telefônico.

Agricultura

De solo bastante arenoso, as inúmeras fazendas de São Domingos cultivam principalmente o arroz. A maioria não utiliza equipamentos modernos, e o beneficiamento do produto se faz manualmente nas próprias fazendas.
A colheita é bastante significativa, servindo para abastecer o município e as cidades vizinhas.
Apesar do terreno sedimentado e cheio de pedras, a região dispõe de excelente sistema hidrográfico, que irriga as lavouras na época do inverno.

Pelas dificuldades de cultivo, não existe plantação de árvores frutíferas, que crescem espontaneamente em todos os locais, nem de hortigranjeiros. Além do arroz, desenvolvem a agricultura de milho e feijão roxinho, para o consumo da região.

Comércio

Com sua economia baseada principalmente na pecuária de gado bovino para o corte, só na cidade, cuja população não ultrapassa 500 habitantes, existem sete açougues. Nestes, a carne não é embrulhada para a venda e permanece exposta ao sol sobre compridas varas apoiadas em forquilhas.
Tanto na zona rural quanto na cidade, o cultivo de hortas e árvores frutíferas é inexistente. Todas as hortaliças, legumes e frutas vêm de Brasília, em caminhões que percorrem poeirentas estradas num total de oito horas de viagem. Apenas uma fazenda fornece o leite de vaca para abastecer a cidade, que se vê em constante estado de escassez quanto a este alimento e seus derivados.
São Domingos possui ainda seis armazéns de secos e molhados, sendo um deles pequeno supermercado; uma farmácia; duas padarias, três bares e grande quantidade de biroscas; uma fábrica de telhas de cerâmica e tijolos de cimento; duas agências bancárias, a do Banco do Brasil e a do Banco Mercantil do Brasil; e um posto de abastecimento de gasolina, álcool e óleo diesel. Para a venda de vestuário, apenas uma tenda ao ar livre na praça central.

Bibliografia

ENCICLOPÉDIA Delta Universal. Rio de Janeiro, Delta, 1980. v.7

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976. v.10

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos municípios brasileiros.* Rio de Janeiro, 1958. v.36

_____. *Informações básicas - São Domingos.* Rio de Janeiro, 1982. 8p.

MORAES, Marco Antonio de. *Perfil cultural nosso Goiás.* Brasília, Mobral/Coordenação Estadual do Distrito Federal, 1982.

PARISI, Vic. Nas grutas de São Domingos. *Revista Geográfica Universal*, Rio de Janeiro, Bloch, 131: 92-105, jun. 1977.

24.03.2015 10:

Projeto

Bom Jardim

Dez mulheres: Missionárias da saúde

Esta obra foi composta e impressa pela Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização — Mobral, na Rua Francisco Manoel, 111/115 - Benfica, Rio de Janeiro - RJ, Brasil, no último trimestre de 1983. Os textos foram compostos pelo sistema de fotocomposição na família Univers 55, corpo 10/11, e os títulos e subtítulos em Univers 75.

24.03

Esta publicação retrata mais um caso, dentre os muitíssimos existentes neste imenso Brasil, em que o Mobral age buscando seu principal objetivo que é a educação continuada de adolescentes e adultos.

Através do Projeto 28, do qual faz parte esta publicação, pretende-se divulgar casos semelhantes a este aqui relatado, a fim de que outras comunidades e outros brasileiros se sensibilizem e ajam em busca da educação e do desenvolvimento cultural, de modo a participarem como sujeitos na reconstrucão da sociedade.

24.03.201
78805